

APRESENTAÇÃO

A apresentação de um trabalho bibliográfico não é — nem deveria ser — obrigatoriamente o lugar e o momento para estabelecer a defesa ou a apologia *de re bibliographica*... Seriamente, tais estudos justificam-se e impõem-se por si mesmo... E, por outro lado, nos estudos de Cultura Portuguesa a necessidade, por todos reconhecida, de trabalhos bibliográficos especializados — mesmo que sejam, como o presente, simples *finding lists* — é tão urgente que o seu aparecimento acaba por levar os «críticos» da sua positividade a silenciar quer esta quer a sua insofismável humildade... Como, porém, não é verdadeiramente honesto recordar, a propósito das suas naturais limitações, arcaicas páginas que discutem das suas misérias, fixam-se, se não as suas velhas glórias, pelo menos as suas indiscutíveis utilidades...

E um pouco mais ainda: nesse campo vasto da história cultural, os estudos sobre a espiritualidade — no seu mais amplo sentido — em Portugal, apesar de alguns contributos notáveis aparecidos pelos meados do século, reclamam, desde há muito, a sua «bibliografia básica», que, de algum modo, possa servir à sua história e, depois, contribuir para a «definição do país». Com efeito, cremos nem sempre se terá reparado que nas «definições do país» que somos, os dados e as coordenadas que a espiritualidade e a sua história oferecem, têm, as mais das vezes, estado ausentes... E, em alguma ocasião, quando tais informações são introduzidas relevam de generalidades quase sempre imprecisas, em que o heterodoxo e o exotérico, quando não o simplesmente exótico, mal conhecidos e mal fundamentados, parecem ter uma maior importância do que o peso omnímodo das constantes — mais intuídas do que realmente estudadas — na sua múltipla variedade e condicionamentos (ou, se se preferir, opressão). Infelizmente, apesar de algo que

já foi feito, ainda hoje cremos ser válida a expressão com que o mais vasto manual de história da espiritualidade cristã ocidental — o que editou J. Flors em Barcelona (1969) — caracterizava, sob este ponto de vista, a investigação portuguesa: *Portugal, terra ignota*.

O trabalho que, agora, em nome de todos os autores, apresentamos, arrancando da inspiração do clássico de J. Dagens — *Bibliographie Chronologique de la Littérature de Spiritualité et de ses Sources* (1501-1610), Desclée de Brouwer, 1952 — e do mais recente de Anne Jacobson Schutte — *Printed Italian Vernacular Religious Books, 1465-1550: A Finding List*, Genève, Droz, 1983 — pretende oferecer não só essa base para a renovação dos estudos sobre a história da espiritualidade em Portugal, mas também, através da disposição cronológica adoptada, uma visão, provisória que seja, das insistências, das ausências — algumas inexplicáveis —, dos ritmos na espiritualidade cristã em Portugal nos séculos XVI e XVII, isto é, indiciar as possíveis linhas de força basilares dessa história que algum dia haverá que escrever...

Seria relativamente fácil sublinhar desde já algumas dessas linhas, mas perante os diversos índices — autores, tradutores, ordens religiosas, impressores e lugares de impressão, origem geográfico-cultural de obras traduzidas, matérias — que acompanham a obra, renunciamos a sugerir, porque eles o fazem muito melhor e com mais liberdade para o leitor, esses momentos e essas linhas mais evidentes que um trabalho futuro explorará.

Notemos, no entanto, que as insistências (e as persistências) e os simples afloramentos de toda a ordem que nesses índices facilmente se descobrem, podem contribuir, desde agora, tanto para cernir um pouco melhor a visão global que o fluir cronológico permite vislumbrar como a colocar certas questões... Algumas destas obterão a sua resposta bibliográfica um pouco mais tarde — um trabalho similar sobre o século XVIII a isso deverá ajudar —, outras, talvez, nunca... Eis aí outra questão... Mas não se esqueça, noutra ordem de ideias, que a história da espiritualidade não é apenas um problema «bibliográfico»..., mas, talvez, mais do que qualquer outro, uma história de oralidade... A pena — o escrito — está fundamentalmente e, nestes anos ainda largamente, ao serviço da boca e do coração... na oração pública e privada, na direcção espiritual, no confessionário, no sermão, na conferência, no refeitório, no conventículo... A sua «bibliografia» — impressa ou manuscrita —

servirá, por isso, com atrasos e avanços, com certezas e desvios, para fixar — confirmando-a, matizando-a, reprovando-a — alguns modos e momentos dessa oralidade... Uma razão mais, e talvez das maiores, para tentarmos seguir-lhe a história bibliográfica... E, tantas vezes, livresca.

*

* *

Cumpre, porém, esclarecer alguns dos critérios que presidiram à elaboração do acervo bibliográfico que oferecemos.

1 — A obtenção dos dados que apresentamos — data, nome de autor, título de obra, local de impressão, nome de impressor — resultou da consulta das obras que constam da *Bibliografia* e que, por sua vez, vêm registadas, em último lugar, em cada verbete.

Tendo renunciado, pelas delicadas questões técnicas, e não só, que levanta o registo de manuscritos — outro trabalho urgente a fazer para esta época em que a sua circulação é ainda notável — procurámos, com as ilusões e desilusões que acompanham trabalhos deste género, que os resultados fossem os mais precisos e os mais completos... Contudo, como é fácil de verificar, nem sempre, por motivos vários, as fontes coincidem na apresentação dos dados — contradizendo-se ou anulando-se, muitas vezes. E como não pudemos controlar todas as obras referenciadas — tarefa importante, mas impossível dentro dos prazos e objectivos programados — limitámos, adrede, a crítica das fontes ao mínimo possível. Aceitámos, assim, registando-as, todas as informações, assinalando com um * as dúvidas que as próprias fontes emitem ou as que resultam do conjunto de dados evidentemente inseguros ou contraditórios.

2 — Para além da sua ordenação cronológica, convirá ter presente que, para cada ano, os autores foram dispostos alfabeticamente por referência ao seu apelido ou nome de religião.

3 — É bem sabido que muitos livros de espiritualidade ou não dos séculos XVI e XVII são formados por um ou mais textos (obras) do

mesmo ou de diferentes autores. Neste último caso desdobrámos os autores — se conhecidos — e as respectivas obras. Pensámos tal critério, se discutível, terá, pelo menos, o mérito de tornar mais visível e mais precisa a malha editorial. Pelo mesmo motivo, quando os conhecíamos directamente, julgou-se necessário individualizar, sob o nome do respectivo autor, textos incluídos sem qualquer referência especial no título de portada, mas contidos num livro.

4 — Em muitos casos em que houve que atribuir uma certa autoria a obras que verdadeiramente a não têm — v. g. constituições sinodais, «definições» e estatutos de ordens religiosas, concílios provinciais... — optámos por colocá-las sob a responsabilidade «autoral» de um nome, indicando, porém, que apenas as ordenou (*ord.*) ou compôs ou fez compilar (*comp.*).

5 — Caso semelhante ocorre, inúmeras vezes, com obras traduzidas. Preferiu-se, naturalmente, colocar tais obras sob o nome do respectivo autor e não do tradutor. Este (*trad.*) vem, quando conhecido, assinalado depois do título da obra. No entanto, quando as fontes assinalam que o autor da tradução acrescentou, refez, ou traduziu liberalmente uma obra, decidimos assinalar tais factos com um (*acresc.*), isto é, acrescentado.

6 — Não sem grandes hesitações, excluímos da presente bibliografia todas as obras de pura Exégesis bíblica — mesmo sabendo que os seus comentários, são ao fim e ao cabo, como que o fundamento da espiritualidade —, toda a parenética — com alguma ambiguidade, aceitaram-se, porém, «tratados» em forma de conferências espirituais —, toda a poesia religiosa e todo o teatro sacro. E pela razão simples e pragmática de que devem ser objecto de bibliografias especiais e complementares.

7 — Pensamos não será necessário declarar que, para além e para aquém de todas as precisões e ressalvas feitas, não julgamos o nosso trabalho perfeito — completo e acabado. Daí que tivéssemos optado por registar não só os autores e obras impressas em Portugal, mas também os autores portugueses editados no estrangeiro. Toda a obra bibliográfica é, porém, não tanto por definição como por condiciona-

mentos múltiplos, uma obra aberta... Parafraçando, sobrar  sempre n o tanto que desejar, mas que registar... Que o digam n o s o a *corrigen*da, mas, sobretudo, a *addenda*...

*
* * *

Resultado, como ficou apontado, de um projecto de investiga o integrado pelos membros do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto,   justo deixar constante a compreens o e o empenho com que foi levado a cabo, para o que, em determinados momentos da sua perfei o final, muito contribuiu a «devo o» das co-autoras que o assinam.

H , ainda, que agradecer   Reitoria da Universidade do Porto o subs dio que, atrav s do seu Conselho de Investiga o, atribuiu ao nosso Projecto e ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras, na pessoa do seu actual Presidente, o interesse e a insen o com que acolheu or amentalmente a ideia da publica o deste Anexo da Revista da Faculdade de Letras.

1 de Setembro de 1988

Jos  Adriano de Freitas Caryalho

